

DEMOCRACIAS, GOLPES E REVOLUÇÕES: CONEXÕES HISTÓRICAS

XVIII COLÓQUIO DE HISTÓRIA,
VIII COLÓQUIO DO PPGH

PERNAMBUCANOS



A partir de

SOCIEDADE
BRASILEIRA
DE HISTÓRIA



Realização

HISTÓRIA

Escola de Educação,
Humanidades, Direito,
Economia e Gestão

PRO-REFERÊNCIA DE PESQUISA
POSSIBILITANDO E INOVANDO

PPGH | UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SÃO
PAULO
da Villa de São
Paulo

MINHA COMUNIDADE: EXPLORANDO O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DOS BAIRROS DE FUNDÃO E ÁGUA FRIA

Grayce Kelly Farias de Lucena

Mestranda no Mestrado Profissional em Ensino de História

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

lucena.grayce.kellyfarias@hotmail.com

Resumo:

A educação patrimonial enquanto componente do ensino de História tem fator crucial ao inserir um caráter crítico e reflexivo da comunidade em que se vive, contextualizando os espaços, as pessoas e a cultura. Esse fator permite trazer à tona vivências que, em sua maioria, são apagadas da história tradicional trabalhadas em sala de aula, permitindo fazer com que os estudantes se reconheçam enquanto seres participantes da história. A crítica é levantada ao observar uma história estruturada de cima para baixo, com abordagem autoritária, desconsiderando saberes locais e impondo uma visão engessada. A partir desse princípio, a educação patrimonial toma um caráter de valorização e de ação social, colocando o estudante como protagonista do aprendizado. Com isso, o presente trabalho aborda o projeto “Minha Comunidade”, criado e aplicado na Escola de Referência em Ensino Fundamental Professor Pedro Augusto Carneiro Leão com a finalidade de aproximar os estudantes das turmas de 7º ano do conceito de patrimônio histórico na prática, a partir da visão da escola que frequentam e da comunidade em que vivem, os bairros de Fundão e Água Fria, em Recife.

PALAVRAS-CHAVES: Ensino de História; Educação Patrimonial; Patrimônio Histórico.

Introdução

A disciplina Projeto de Vida faz parte da grade curricular dos Ensinos Fundamental (Anos Finais) e Médio de forma obrigatória desde 2022. Nela, o professor é mediador do conhecimento, mas o estudante precisa ser protagonista do aprendizado. Temas como autoconhecimento, família, inteligência emocional e propósito de vida são a base dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. Apesar de serem assuntos importantes para o amadurecimento pessoal, geralmente os alunos não interagem muito com as aulas, visto que é uma disciplina que não possui nota, e isso é um desafio a ser enfrentado diariamente.

O livro de Projeto de Vida que utilizei¹ nas turmas de 7º ano aborda o tema “A Comunidade na Escola” para ser trabalhado durante o ano letivo, e foi daí que tirei o nome para intitular este projeto. Tentando me aproximar da História, visto que é minha disciplina de formação, pensei em articular o assunto de Projeto de Vida com os conteúdos que vim aprendendo em aulas no Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Pernambuco, na disciplina de Patrimônio Histórico com o professor dr. Ricardo Medeiros. As leituras e diálogos sobre a aproximação dos estudantes com o patrimônio me fizeram chegar à conclusão de que a criação deste era super viável dentro da minha realidade escolar.

Aproveitei esse ensejo para redirecionar o aprendizado acerca da “minha comunidade” utilizando a educação patrimonial como fator de aprofundamento no assunto, buscando educar o olhar do estudante para fatores que geralmente não são observados. Passar todos os dias pela mesma rua no caminho para à escola, reconhecer as pessoas, ver as cores, mas não enxergar o peso que o bairro tem na formação da construção de sua base.

Uso, então, a educação patrimonial como método de valorização. De acordo com Lires Tumeleiro (2007), é importante trabalhar nos estudantes a descolonização, uma

¹ O Estado de Pernambuco ainda não possui livro próprio de Projeto de Vida no Ensino Fundamental. Então, utilizei livros que foram encontrados na internet, em formato digital. Este em questão faz parte do Programa Ensino Integral do Estado de São Paulo.

vez que sempre que nos deparamos com patrimônio histórico, este reflete a cultura ou vivência da elite. É aí que a educação patrimonial entra, como forma de ação social, ao colocar o estudante como protagonista do aprendizado, fazendo com que estes se “reconheçam como parte da história local”, se percebendo “como agente construtor da história”, na qual passa pelo campo dos sentimentos e da base que os mesmos possuem.

Qual não foi a minha surpresa ao apresentar o projeto para a gestão escolar e descobrir que “Patrimônios Periféricos” era justamente o tema solicitado pela Gerência Regional de Educação para ser aplicado nas escolas durante o segundo bimestre de 2024. Não deu outra: a escola prontamente acatou o projeto e abraçou o desafio de pô-lo em prática. Aqui deixo meu relato de experiência, minhas ideias, a metodologia e os resultados alcançados na EREF Professor Pedro Augusto Carneiro Leão, Recife.

Educação Patrimonial

Educação Patrimonial enquanto componente do Ensino de História é crucial para a inserção de um caráter crítico e reflexivo com a realidade em que se vive, já que contextualiza o patrimônio na relação entre bens e pessoas, espaço, tempo e cultura, como bem pontua Carmen Gil.

“A educação patrimonial pode ser concebida como o desenho teórico-metodológico de propostas interessadas na dignidade das pessoas, nas histórias silenciadas, nas memórias dos sujeitos subalternizados, na vida, enfim, e não somente nos objetos, nos monumentos, no conjunto arquitetônico, nas coleções” (GIL, 2023 p. 235).

Tal fator nos possibilita trazer à tona vivências que, em sua maioria, são apagadas da história tradicional, que se trabalham em sala de aula. Como fazer com que os estudantes se reconheçam enquanto seres participantes da história se estes não enxergam a sua realidade exposta nos livros e nos museus? A batalha da educação patrimonial é justamente aproximar esses indivíduos de seus cenários e fazê-los enaltecer aquilo que a localidade oferece,

“assim sendo, tento o patrimônio e a cultura como elementos de mediação e sob uma perspectiva dialógica, é possível contribuir para a tomada de consciência dos homens como sujeitos de sua própria história”. (SCIFONI, 2015 p. 204).

É interessante salientar as críticas ao modelo tradicional levantadas por Scifoni, quando a mesma reforça a ideia de trabalhar o patrimônio ignorando a participação ativa das comunidades locais. Isso promove uma visão de cima para baixo, sendo uma abordagem autoritária ao desconsiderar os saberes locais e impondo uma visão patrimonial engessada. O ideal é usar formas alterativas à essa prática acima citada, ressignificando as características dos bens culturais para além de sua importância técnica.

A partir disso que este projeto foi realizado, levando a história da criação da comunidade dita “Beberibe de Baixo²”, a religiosidade presente, as lutas locais para sua manutenção, a cultura enquanto objeto de pesquisa e de admiração.

Objetivos

Objetivo Geral:

- Entender a importância do patrimônio histórico-cultural para uma comunidade, seus significados e suas vivências, educando o olhar para o bem e construir uma percepção crítica acerca da necessidade de preservação e salvaguarda daquilo que nos é importante e que constrói e reforça nossa identidade.

Objetivos Específicos:

- Conceituar patrimônio.
- Diferenciar patrimônio cultural material e imaterial, destacando exemplos de cada um.
- Aproximar a ideia de patrimônio com objetos pessoais, com a finalidade de construir um olhar diferente para com os materiais.
- Evidenciar a importância de preservar os patrimônios culturais, ressaltando como eles contribuem para a identidade e memória da comunidade.
- Reconhecer e valorizar o patrimônio cultural local, incentivando os alunos a conhecerem e apreciarem os elementos culturais presentes em sua região.

² Esse termo não é mais utilizado, mas já fora no passado para retratar o que hoje conhecemos como os bairros de Fundão, Água Fria e Arruda.

Metodologia

O presente projeto foi elaborado para ser trabalhado nas aulas de Projeto de Vida, com os estudantes dos 7ºs anos (turmas A e B) da Escola de Referência em Ensino Fundamental Professor Pedro Augusto Carneiro Leão, localizada no bairro de Fundão, Recife. Os estudantes têm cerca de 12-14 anos de idade e estudam em período integral – 35 horas – nesta instituição de ensino.

. A princípio, os estudantes entenderam a importância e o conceito de patrimônio com uma aula expositiva com *slide* e alguns vídeos do YouTube para facilitar o entendimento. Os vídeos mostrados foram “Patrimônio Cultural Material e Imaterial” do canal Entrando na História e “Patrimônio Histórico Cultural” do canal TV e Rádio Unisinos.

A partir disso, foram incentivados à associar o patrimônio em objetos pessoais, educando o olhar para o bem, participando de uma pequena oficina em sala de aula em que produziram uma breve exposição pessoal. Para isso, foi solicitado, então, que os estudantes trouxessem objetos de casa, como fotos, peças de vestuário, brinquedos, objetos do dia a dia, que eles e elas considerassem valorosos, tanto para si quanto para a família. A ideia é enxergar nestes objetos as lembranças e os motivos que o tornam especial e que fazem com que não seja descartável. Na aula marcada, os alunos puseram as peças nas bancas e explicaram sua importância para professores e alunos de outras turmas que vieram visitar a exposição³.

Com essa base, o alunado passou pelo processo de enxergar a EREM Professor Pedro Augusto Carneiro Leão enquanto bem cultural do bairro de Fundão, ao conhecer a história da escola, a escolha do nome, conhecer a fundo os espaços, as vivências, os tamanhos. Tudo isso faz parte da construção da mudança do olhar para com o espaço. Nesse momento, para além das aulas de história e as pesquisas e entrevistas realizadas, a professora de matemática foi convocada para auxiliar com as medidas (que inclui no assunto de Unidades de Medidas, trabalhado por ela em sala de aula). O enfoque interdisciplinar trazido aqui é baseado no Guia Básico de Educação Patrimonial, que vem abordar justamente a importância de atravessar a barreira das disciplinas. O encaixe caiu como uma luva, já que o assunto recomendado pelo Guia é justamente aquele que a professora estava lecionando no momento.

³ Ver Imagens 1, 2, 3, 4 e 5.

Para essa dinâmica com a professora de matemática dar certo, alguns movimentos foram feitos: deixei preparada uma aula expositiva com a história da fundação da escola e fatos interessantes sobre o professor Pedro Augusto Carneiro Leão. Os dados para a criação desta foram retirados de jornais antigos dentro do site da Hemeroteca Digital. Solicitei, então, que um professor que estivesse em aula-atividade pudesse ministrá-la, enquanto eu estaria no outro sétimo com a professora de matemática. Junto com ela, separamos os estudantes em grupos, e cada grupo ficou responsável por fazer observações e medição de uma área específica da escola, como biblioteca, quadra, corredores, secretaria etc⁴.

Na aula seguinte, uni os dois sétimos com os grupos que ficaram nos mesmos ambientes para discutirem sobre as informações que cada qual levantou e fazer um exercício comparativo. Então, cada grupo recebeu uma cartolina em que deveriam expor estes dados para o grande grupo, a fim de que todos pudessem estar a par⁵. Os estudantes também realizaram uma atividade individual criando um breve texto de percepções sobre a aula em questão.

Abracei a sugestão do professor Ricardo Medeiros, docente da UFPE, de passar o filme “Da Colina Kokuriko”, dos Estúdios Ghibli, como forma de trabalhar a preservação do patrimônio, uma vez que o filme aborda questões como salvaguarda do prédio *Quartier Latin* que está para ser demolido⁶. Para manter o foco dos discentes, cada um recebeu um questionário com perguntas referentes ao prédio e à relação das personagens com este, fazendo com que os alunos prestassem mais atenção edifício e nas lutas dos estudantes do que no romance que envolve o filme, e como forma também de levá-los a reflexão que não era um filme para passar tempo, mas como fonte de aprendizado e aprofundamento no assunto.

Passadas todas essas etapas, caminhamos pela área externa, o maior desafio. Entender o que os bairros Fundão e Água Fria proporcionam à comunidade em uma aula de campo, que aconteceu em dois momentos (um para cada turma). O roteiro foi construído dia a dia com professores e os próprios estudantes, e que contou com locais importantíssimos, como a Barriguda (árvore Baobá histórica em Recife), clube de futebol do bairro intitulado “Barriguda City”, igrejas, Mercado de Água Fria, Feira

⁴ Ver imagens 6, 7 e 8.

⁵ Ver imagens 9, 10 e 11.

⁶ Ver imagem 12.

Nova de Água Fria, Sítio de Pai Adão, sede do Caboclinho Sete Flexas, sede do clube carnavalesco Irresponsáveis, dentre outros espaços.

Uma força-tarefa foi criada para manter os estudantes a salvo durante todo o trajeto. Por isso, a gestora da EREF Pedro Augusto solicitou que a aula de campo acontecesse durante a semana de provas, uma vez que os professores estariam disponíveis pós prova, e poderiam nos acompanhar no percurso. Após a aula de campo, os estudantes receberam a ficha de categoria “Lugares”, disponível no livro Inventários Participativos.

Apesar de ter sido um projeto que foi executado em vários dias, não foi algo custoso, uma vez que todos os materiais necessários para a execução deste foram fornecidos pela instituição escolar. Materiais de papelaria, como cartolinhas, régua, fitas, piloto, canetas coloridas, lápis de cor, dentre outros, a escola já possuía. Afora a impressão das atividades e imagens, que foram enviado com antecedência à educadora de apoio, que fez a tiragem da quantidade selecionada para uso em sala.

Para as aulas expositivas e a exibição do filme foram utilizados computador, projetor, som e internet que são recursos didáticos que a escola oferece, desde que haja uma solicitação prévia, devido a grande quantidade de professores e apenas dois kits disponíveis (dois projetores, dois computadores e dois aparelhos de som).

Já a aula de campo, por ser nos arredores no colégio, não houve a necessidade do aluguel de transportes. Os itens necessários para a proteção foram solicitados de antemão aos estudantes para que estes viessem preparados para esse momento: chapéu/boné, protetor solar e garrafa de água.

Ao final do projeto, foi criado um *portfólio online*, onde vem sendo registrado todo o trabalho e as produções dos estudantes, evidenciando e documentando os progressos e realizações deste projeto pedagógico. Foram inseridos aqui os trabalhos dos estudantes, fotografias das aulas, reflexões pessoais, feedbacks e avaliações. O texto Inventários Participativos nos mostra a importância de manter o trabalho organizado e de expor para os outros. Assim, ele fica disponível para todos que ajudaram a realizá-lo.

Essa ferramenta tem o objetivo de documentar a aprendizagem, ao reunir evidências do progresso dos alunos em relação aos objetivos do projeto; avaliar o desempenho dos estudantes, uma vez que proporciona uma base para avaliar as habilidades, o entendimento e a aplicação do conhecimento pelos alunos; reflexão, ao

permitir que os alunos reflitam sobre seu próprio aprendizado e desenvolvimento; e compartilhamento de resultados, pois irá apresentar o trabalho dos alunos para pais, colegas de trabalho e a comunidade escolar.

O *portfólio* fora criado em formato *online* pela plataforma Google Sites, que é um recurso gratuito e de fácil acesso. O formato online permite a fácil divulgação do material, tanto com os colegas de trabalho, quanto com os responsáveis, e a própria comunidade. A escola poderá compartilhar nas redes sociais e também deixar o link salvo nos computadores da biblioteca, para os demais estudantes terem acesso ao trabalho realizado. Como pretendo reviver esse projeto nos próximos anos, esse site vem sendo alimentado de forma orgânica, de maneira que, desejo adicionar à ele os registros futuros, com novas turmas. Para conhecer o trabalho, é só acessar a página [EREF Pedro Augusto Carneiro Leão](#).

Imagens



Imagen 1: Aluna 1 emocionada ao expor seu objeto para a classe.



Imagen 2: Aluna 2 emocionada ao expor seu objeto para a classe.





Imagen 5: Exposição “Meu Patrimônio” na turma 7ºA, realizada no dia 13/05/2024.



Imagen 6: Aula prática. Na imagem, alunos do 7ºB na arquibancada da quadra. Dia 27/05/2024.



Imagen 7: Aula prática. Na imagem, alunos do 7ºA na secretaria. Dia 24/05/2024.



Imagen 8: Aula prática. Na imagem, alunos do 7ºA na horta. Dia 24/05/2024.



Imagen 9: Produção de cartazes em conjunto (turmas A e B), fazendo comparações e trocando experiências.



Imagen 10: Apresentação das cartolinhas. Na imagem, os grupos que ficaram na biblioteca. Dia 28/05/24.



Imagen 11: Apresentação das cartolinhas. Na imagem, os grupos que ficaram nas salas. Dia 28/05/24.



Imagen 12 Exibição do filme “Da Colina Kokuriko”.

Referências

- GIL, Carmen Zeli de Vargas. Des(locar) Aulas de História e Mirar o Patrimônio na Cidade. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S; OLIVEIRA, Ruben Ryan Gomes de. (orgs.) *Cadernos do Patrimônio Cultural: memórias, gestão e sustentabilidade*. Fortaleza: Armazém Cultural V2, 2023.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN; Rio de Janeiro: Museu Imperial, 2006.
- Imagens: Arquivo Pessoal.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Educação Patrimonial: Inventários Participativos. Manual de Aplicação. Brasília – DF: IPHAN, 2016.
- *Projeto de Vida: Ensino Fundamental - Anos Finais*. Caderno do Professor. Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Educação. Primeira Edição. São Paulo, 2014.
- SCIFONI, Simone. Para repensar a Educação Patrimonial. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.) *Cadernos do Patrimônio Cultural: educação patrimonial*. Fortaleza, Secultfor: IPHAN, 2015. P. 195-206.
- TUMELERO, Lires Irene. A inserção de conteúdos de Educação Patrimonial e Arqueologia no ensino fundamental no município de Seara, Santa Catarina. In: SOARES, André Luis R.; (org.) *Educação Patrimonial: teoria e prática*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2007. P. 79-115.